

Ano/Edição	<p>vulnerabilidade aos problemas de saúde mental (Foster et al., 2001). Embora não haja evidência epidemiológica definitiva a este respeito, geralmente se admite que a experiência migratória está associada a múltiplos estressores, o que pode prejudicar a saúde mental dos imigrantes (Takeushi et al., 2007). Essas experiências estressantes podem colocar os imigrantes em risco de problemas de saúde mental, como distúrbios depressivos, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e a chamada síndrome de estresse múltiplo crônico e múltiplo (síndrome de Ulises), um termo usado por alguns autores para descreva um conjunto de sintomas depressivos, somáticos e de ansiedade derivados da exposição a múltiplos estressores relacionados à experiência migratória (Achotegui, 2000). O objetivo deste estudo foi revisar a literatura disponível sobre exposição a fatores de estresse e fatores associados à vulnerabilidade e resiliência ao estresse das populações imigrantes, bem como descrever a experiência com o caso dos imigrantes bolivianos residentes em São Paulo.</p> <p>Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo</p>
------------	--

SOCIABILIDADE

Título	Cotidiano de migrantes
Autor/es	Dirceu Cutti
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XVI, nº 47, set-dez/2003. São Paulo

Título	Urbanismo, urbanização e vida cotidiana
Autor/es	Flávia Elaine da Silva
Resumo	<p>Não é sem dificuldades que se tenta estudar a vida cotidiana. O percurso feito por alguns autores, tais como Henri Lefebvre e os situacionistas, não se deu de maneira suave. Fazer com que a vida cotidiana se constituísse em um campo fértil para os estudos sobre a nossa sociedade, moderna sociedade, sem que se perdesse de vista que o objetivo era a crítica à vida cotidiana não foi tarefa fácil. Inicialmente é preciso chamar a atenção para o fato de que a vida cotidiana se constitui por meio de uma ambiguidade, de um movimento mesmo,</p>

entre a colonização da vida do homem por estruturas sociais de poder - tais como o Estado, o Direito, a Economia - e um resíduo capaz de ler com agilidade este movimento limitador, e em algumas situações ou momentos, com força suficiente para reagir. Dessa forma, a vida cotidiana não chega para nós, hoje, a partir destes autores como algo congelado, não chega por definição, mas como um movimento, de uma vida tornada cotidiana. Significa dizer então que a vida cotidiana possui historicidade, o que não quer dizer necessariamente uma catalogação de pequenos atos e gostos do homem ao longo do tempo. Cotidiano no Egito, Cotidiano no século XVIII, milhões de cotidianos! Não se trata de uma história das curiosidades da vida cotidiana, mas de uma leitura mais potente, reveladora, sobre o mundo do trabalho, da urbanização e da proletarização. Esta historicidade também está relacionada com a possibilidade ou impossibilidade do resíduo se apresentar como elemento ativo e transformador da sociedade, pois nem todos os períodos históricos guardam em si a potência de transformação.

Ano/Edição

Ano XVI, nº 47, set-dez/2003. São Paulo

Título

Entre cotidianos: imigrantes africanos em Lisboa

Autor/es
Resumo

Neusa Maria Mendes de Gusmão

A trama histórica de Portugal e África e de seus relacionamentos, sempre se fez por diferentes caminhos, cujos indícios permitem compreender o cotidiano de sujeitos migrantes e diversos postos em relação. O caso dos moradores de um bairro degradado, a Quinta Grande, um bairro de lata da Freguesia da Charneca e, até final dos anos 90 do século XX, periferia da cidade de Lisboa, é exemplar. Hoje, a Quinta Grande não mais existe, posto que, em maio de 2001, seus moradores foram realojados num bairro de Habitação Social¹² (HS), ou bairro social como são chamados. O bairro social foi construído em área próxima ao antigo bairro, agora demolido e, é parte de um grande complexo habitacional de natureza mista — realojamento e condomínios particulares — chamado Alta de Lisboa. Expressão do avanço e modernização urbana sobre áreas de ocupação mais rarefeita, o bairro social é, também, expressão das chamadas políticas sociais originadas em razão da migração extra-comunitária, vista como problemática para os planos da União Europeia. Entre os dois momentos da existência da Quinta Grande e seu fim, histórias e vidas foram alteradas, configurando os nexos de um

Ano/Edição	<p>moradores são, em sua grande maioria, migrantes nordestinos. Esta favela é uma extensão da segunda maior favela da cidade de São Paulo — Paraisópolis — situada na zona sudoeste da cidade, em uma região de grandes contrastes sociais, pois tem no seu entorno o bairro do Morumbi, considerado como o local de residência da elite paulistana.</p> <p>Ano XVI, nº 47, set-dez/2003. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p>	<p>Cotidiano e convivência na Casa do Migrante</p> <p>Elaine Cristina Camillo da Silva</p> <p>Naquilo que chamamos habitualmente de cotidiano, O que o homem busca? O que pode ter em comum o cotidiano de um empresário, de um professor e de um migrante desempregado... ? Gostaríamos de ressaltar nestas páginas uma delas: a convivência, o fato que todos os homens, no seu dia-a-dia, interagem entre si. Acreditamos que esta seja uma das coisas mais importantes e centrais na vida do homem, Cotidiano de encontros, de escolhas de entrar ou não em relação, de como responder à exigência do “outro” que está diante de mim. Para estudar a convivência escolhemos uma entre tantas situações limite do homem: migrantes em um “albergue”, a presença do “outro” não escolhido (não escolheram nem o estar juntos, nem com quem), desconhecido, com hábitos diferentes, um jeito de ser e de pensar diferente: mineiros, paulistas, nordestinos, sulistas, nortistas, africanos, latino-americanos... jovens, adultos... solteiros. casados, separados... analfabetos, primeiro grau completo, com curso superior... tantas diferenças, em uma só casa! Cada um destes migrantes está longe do seu “grupo primário” (família, vizinhos, etc.), está diante da possibilidade de tecer novas relações com as pessoas que estão ao seu redor.</p> <p>Ano XVI, nº 47, set-dez/2003. São Paulo</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p>	<p>Cotidiano e violência – crimes e identidades étnicas entre imigrantes italianos no meio rural paulista</p> <p>Oswaldo Serra Truzzi: Karl Monsma</p> <p>Este artigo se propõe a investigar, a partir de inquéritos e processos criminais ocorridos na comarca de São Carlos, o cotidiano conflituoso de imigrantes italianos na economia cafeeira do interior paulista. Interessa aqui especialmente aqueles conflitos cujo desenrolar deixa entrever alinhamentos étnicos. O cenário é a última década do século XIX, quando o incremento do plantio atraiu para o município em questão um grande contingente de imigrantes europeus. A maior parte deles</p>

Ano/Edição	foi empregue como colonos nas fazendas de café, mas o núcleo urbano, antes incipiente, não deixou também de se desenvolver no atendimento às necessidades comerciais, industriais e de serviços que a economia cafeeira requisitava (Truzzi, 2000). Ano XVI, nº 47, set-dez/2003. São Paulo
Título	Da acolhida solidária à hospitalidade comercializada: o turismo na Chapada Diamantina
Autor/es	Francisco Emanuel Matos Brito
Resumo	Neste artigo, além de realizamos uma breve retrospectiva histórica sobre a viagem e o turismo, também abordamos as mudanças experimentadas pela acolhida e pela hospitalidade tanto nos primórdios da viagem e a partir do advento do turismo, quanto na análise de uma situação concreta, tomando como exemplo a Chapada Diamantina. Na sua conotação religiosa a acolhida dos visitantes por parte dos hospedeiros se configurava num ato de bondade ou caridade. Mas, com o passar do tempo e com as mudanças ocasionadas nos costumes, alterações significativas se farão presentes nos vínculos estabelecidos entre os visitantes e visitados. Vale dizer que as viagens começaram sob a forma de peregrinações e “todas as religiões estimularam as viagens na crença de que são boas para a alma” (Zeldin, 1996, p.272). Mesmo durante as peregrinações, a relação entre visitantes e visitados nem sempre se pautava pela relação de solidariedade, transformando-se, muitas vezes, num encontro marcado por pesadas doses de comercialismo e exploração.
Ano/Edição	Ano XX, nº58, maio-ago/2007. São Paulo
Título	Meu irmão Adauto (Relato)
Autor/es	Ethel Kosminsky
Resumo	Relato
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 76, jan-jun/2015. São Paulo
TEMPORALIDADES E ESPAÇOS	
Título	Tempos e espaços
Autor/es	José Guilherme Cantor Magnani
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano VI, nº 15, jan-abril/1993. São Paulo